



DOI:

123456789

# CULTURA SURDA EM PERSPECTIVA DE INTERAÇÃO DISCURSIVA: UM ESTUDO TEÓRICO

Ítalo Urbano Barros Fernandes<sup>1</sup>Manassés Morais Xavier<sup>2</sup>

## RESUMO

Este estudo bibliográfico parte da seguinte questão de pesquisa: que contribuições a Teoria Dialógica da Linguagem e estudos sobre cultura surda podem oferecer à formação de professores de Libras atravessada pela interação discursiva? Para respondê-la, objetiva-se situar: 1) o conceito de interação discursiva à luz dos contributos do Círculo de Bakhtin; e 2) a cultura surda na sua interface com a formação de professores de Libras. A pesquisa entende a interação discursiva como a construção de informações, ideias e significados entre duas ou mais pessoas por meio da linguagem, seja ela oral, escrita, gestual ou de qualquer outra forma de comunicação. Diante do apresentado, o presente texto se compromete a investir, do ponto de vista bibliográfico, nessa relação cada vez mais necessária entre interação e formação de professores, especificamente, de Libras. Do ponto de vista dos resultados, o artigo eleva à Teoria Dialógica da Linguagem a possibilidade teórico-metodológica de promover uma formação de professores de Libras atravessada pela perspectiva da interação discursiva: uma interação que ideologicamente favorece a socialização de saberes e a valorização dos papéis de cada sujeito envolvido nas práticas sociais de linguagem.

**Palavras-chave:** Interação Discursiva. Cultura Surda. Libras. Formação de Professores de Libras.

## DEAF CULTURE FROM THE PERSPECTIVE OF DISCURSIVE INTERACTION: a theoretical study

## ABSTRACT

This bibliographic study is based on the following question: what contributions can the Dialogical Theory of Language and studies on deaf culture offer to the training of Libras teachers permeated by discursive interaction? To answer these question, the aim is to situate: 1) the concept of discursive interaction in light of the contributions of the Bakhtin Circle; and 2) deaf culture in its interface with the training of Libras teachers. The research understands discursive interaction as the construction of information, ideas and meanings between two or more people through language, whether oral, written, gestural or any other form of communication. In view of the above, this text is committed to investing, from a bibliographical point of view, in this increasingly necessary relationship between interaction and teacher training, specifically, of Libras. From the point of view of results, the article elevates the

<sup>1</sup> Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Rebouças de Campina Grande (FRCG). Mestrando em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG). Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-0141-7228> E-mail: [prof.italourbano@gmail.com](mailto:prof.italourbano@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2628-8183> E-mail: [manasses.morais@professor.ufcg.edu.br](mailto:manasses.morais@professor.ufcg.edu.br)

theoretical-methodological possibility of promoting Libras teacher training through the perspective of discursive interaction to the Dialogical Theory of Language: an interaction that ideologically favors the socialization of knowledge and the valorization of roles each subject involved in social language practices.

**Keywords:** Discursive Interaction. Deaf Culture. Libras. Training of Libras Teachers.

## **LA CULTURA SORDA DESDE LA PERSPECTIVA DE LA INTERACCIÓN DISCURSIVA: un estudio teórico**

### **RESUMEN**

Este estudio bibliográfico parte de la siguiente pregunta: ¿qué aportes pueden ofrecer la Teoría Dialógica del Lenguaje y los estudios sobre la cultura sorda a la formación de docentes Libras permeados por la interacción discursiva? Para responderla, se pretende situar: 1) el concepto de interacción discursiva a la luz de los aportes del Círculo de Bajtin; y 2) la cultura sorda en su interfaz con la formación de profesores Libras. La investigación entiende la interacción discursiva como la construcción de información, ideas y significados entre dos o más personas a través del lenguaje, ya sea oral, escrito, gestual o cualquier otra forma de comunicación. En vista de lo anterior, este texto apuesta por invertir, desde un punto de vista bibliográfico, en esa relación cada vez más necesaria entre interacción y formación docente, específicamente en Libras. Desde el punto de vista de resultados, el artículo eleva la posibilidad teórico-metodológica de promover la formación docente de Libras a través de la perspectiva de la interacción discursiva hacia la Teoría Dialógica del Lenguaje: una interacción que ideológicamente favorezca la socialización del conocimiento y la valorización de los roles de cada uno sujeto involucrado en las prácticas del lenguaje social.

Palabras clave: Interacción discursiva. Cultura sorda. Libras. Formación de Profesores de Libras.

### **INTRODUÇÃO**

O presente estudo fundamenta-se na concepção de que a linguagem é um fenômeno, eminentemente, de interação discursiva. A linguagem, portanto, é crucial para o desenvolvimento humano e desempenha um papel fundamental na mediação das interações sociais e na construção de identidades culturais. De acordo com Bakhtin (2016 [1952-1953]), a linguagem é intrinsecamente dialógica e opera como um dispositivo de troca de significado entre os sujeitos. Em relação à cultura surda, a Libras não é simplesmente um vetor de comunicação, mas é, igualmente, um traço inalienável da identidade e experiência comunidade surda.

Sob tais perspectivas, este artigo, de natureza teórica, se propõe a investigar como a interação discursiva pode fortalecer a formação de professores de Libras, considerando as especificidades culturais e linguísticas da comunidade surda. Ancorado na Teoria Dialógica da Linguagem (Bakhtin e o Círculo), exploraremos como

o diálogo mediado pela Libras pode contribuir para a construção colaborativa de conhecimento. Ao mesmo tempo, será analisado o papel da formação docente em promover um ensino cada vez mais equitativo em sala de aula.

Ao contextualizar o estudo, consideramos a relevância de compreender a interação discursiva no contexto acadêmico. Para tanto, exploraremos as particularidades da comunicação da linguagem dentro da comunidade surda, destacando a importância de uma abordagem teórica para entender as dinâmicas sociais e culturais específicas à Libras.

A questão de pesquisa abordada neste estudo é: que contribuições a Teoria Dialógica da Linguagem e estudos sobre cultura surda podem oferecer à formação de professores de Libras atravessada pela interação discursiva? NO intuito de respondê-la, tomamos como objetivo deste manuscrito situar: 1) o conceito de interação discursiva à luz dos contributos do Círculo de Bakhtin; e 2) a cultura surda na sua interface com a formação de professores de Libras.

Lemos, então, a interação discursiva como um conceito que se refere à construção de informações, ideias e significados entre duas ou mais pessoas por meio da linguagem, seja ela oral, escrita, gestual ou de qualquer outra forma de comunicação. Ao tratarmos da noção de interação discursiva, analisaremos as dinâmicas comunicativas e interativas que caracterizam a cultura surda.

Nesses termos, o texto está organizado naquilo que denominamos de pilares teóricos, a saber: a noção de interação discursiva no contexto da cultura surda, a cultura surda em foco e a formação de professores de Libras na perspectiva de interações discursivas.

Passemos aos pilares que sustentam nossa discussão teórica.

## **PILARES TEÓRICOS**

### **A noção de interação discursiva no contexto da cultura surda**

Mikhail Bakhtin (1895-1975) tornou-se uma referência para o estudo da linguagem em suas relações com a história, a cultura e a sociedade. Considera-se que Bakhtin é um filósofo da interação. Sua teoria se baseia na comunicação entre um “eu” e um “outro”, em que os enunciados são o elo dessa interação. Enunciados são as unidades básicas da comunicação, representando quaisquer expressões oral

ou escrita ou gestual (sinalizado), que são produzidas em um determinado contexto e têm um propósito comunicativo específico. Segundo autor, “[...] ser significa comunicar-se pelo diálogo”. (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 161).

Volóchinov (2021 [1929]), por sua vez, conceitua a interação discursiva como um fenômeno fundamentalmente dialógico, no qual os sentidos são co-construídos em um contexto sociocultural. No caso da comunidade surda, essa interação é mediada por elementos visuais-gestuais, que vão além da mera construção de informações. Assim, a Libras não é apenas uma língua funcional, mas um espaço em que identidade, cultura, interação social e significado se encontram.

A noção de interação discursiva, articulada por Bakhtin e o Círculo, é essencial para explorar a forma como a língua é não apenas um veículo de comunicação, mas uma prática social que envolve a troca de significados discursivos, constituída da identidade e das relações com outros sujeitos quando desde primeiro diálogo da vida são essenciais para formação ideológica dos indivíduos. O conceito de interação, segundo Bakhtin (2016 [1952-1953], p. 164), é definido como um “[...] diálogo entre os indivíduos vivos que conversam e realizam interação”. O autor argumenta que a linguagem é sempre dialogal, é condicionada tanto pelos contextos sociais específicos quanto pelas posições assumidas pelos indivíduos participantes cara a cara no discurso. No presente contexto, essa noção é relevante em relação à comunidade surda como um prisma de diferenciação cultural.

Portanto, será apresentada, neste parágrafo, a diferenciação cultural e como uma pessoa pode pertencer a duas culturas ao mesmo tempo. Uma pessoa surda possui sua própria identidade e cultura, que começam a ser formadas desde as primeiras interações com outras pessoas surdas. Nesse processo, a construção do indivíduo acontece tanto de maneira interna quanto externa.

O desenvolvimento externo refere-se à influência da cultura majoritária dos ouvintes e do contexto social em que a pessoa surda está inserida. Esse contato com o mundo ouvinte é essencial para que a pessoa surda compreenda como ele funciona, adquirindo habilidades necessárias para interagir e participar desse mundo ouvinte, como o aprendizado do português como segunda língua, incluindo oralidade, leitura e escrita.

Já o desenvolvimento interno está ligado à vivência na comunidade surda, em que a Libras é a principal ferramenta de comunicação e interação. É nesse espaço que se constrói a identidade surda, fortalecida pela cultura visual-gestual e pelas

interações significativas dentro da comunidade. A cultura surda permite que o indivíduo compreenda seu papel e significado em um “mundo surdo” próprio, composto por valores, práticas e modos de interação que refletem uma visão de mundo distinta daquela predominante na cultura ouvinte.

De acordo com Gesser (2009, p. 55), “Mesmo que o discurso atual seja um discurso de ‘contrarreação’ ao grupo dominante (sociedade ouvinte), todos nós somos perpassados e contaminados pelas culturas com as quais estamos em contato”.

Portanto, normalmente, os surdos vivem simultaneamente nesses dois mundos culturais: no mundo dos ouvintes e no mundo dos surdos. Assim, a pessoa surda precisa de competências especiais para navegar ambos os espaços e contextos. No entanto, na sociedade ouvinte, espera-se que o surdo seja chamado de cidadão comum, o que significa que usa a língua portuguesa, integra regras sociais e é fluente em comunicação.

Tal prática de imposição a uma pessoa surda para que se comporte e viva como um ouvinte é denominada ouvintismo. Segundo Skliar (2011, p. 15), essa concepção afirma que

Trata-se de um conjunto de representações ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais.

Por outro lado, na comunidade surda, a primeira língua do surdo é a Libras. A língua é usada constantemente, sendo fluente e compreensível. A interação entre esses dois mundos diferentes não apenas desafia os surdos a equilibrar suas identidades, mas também revela a riqueza e a complexidade de suas experiências culturais. Por isso, é fundamental que a sociedade valorize e respeite essas especificidades, promovendo ações que assegurem a inclusão e o reconhecimento das culturas surda e ouvinte como igualmente válidas e complementares.

Na perspectiva da Teoria Dialógica da Linguagem, a interação entre diferentes culturas, como a cultura surda e a cultura ouvinte, por exemplo, pode ser vista como processo dialógico contínuo. O que realmente pode acontecer é o diálogo entre “o eu e o outro”, o que pode ser descrito como um espaço de câmbio, troca, cujas diferenças não são eliminadas, mas, pelo contrário, são reconhecidas e valorizadas. Por um lado, a cultura ouvinte é forçada e desafiada por sua interação com a cultura surda a repensar sua própria mentalidade e concepção e, por outro, certos aspectos únicos

da comunidade surda emergem e se tornam mais visíveis através do tempo e do espaço.

Bakhtin (2011 [1919-1974], p. 366, grifo do autor) afirma: “Nesse encontro dialógico de duas culturas, elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade *aberta*, mas elas se enriquecem mutuamente”. Essa citação destaca como o diálogo entre culturas não resulta na dissolução das suas especificidades, mas promove um enriquecimento mútuo, ampliando as possibilidades de compreensão e convivência entre os diferentes indivíduos.

Neste contexto de interação entre surdos e ouvintes, essa perspectiva dialógica é a chave para superar barreiras culturais e linguísticas. Se a cultura ouvinte é caracterizada pela oralidade e a escrita, no caso dos surdos, a cultura surda é definida pela experiência visual-gestual, o que implica na percepção da Libras como forma de expressão e interação. Além disso, essa relação dialógica reforça a importância da troca de experiência entre duas culturas e que cada uma possui contribuições únicas para o tecido social que atrai os surdos e os ouvintes à negociação de sentidos, à interação discursiva.

Para a Teoria Dialógica da Linguagem, como já dito anteriormente, “[...] ser significa comunicar-se pelo diálogo” (Bakhtin, 2016 [1952-1953], p. 161). É possível propor e constituir um caminho teórico que possa explicar a dinâmica da interação em sala de aula. Tal teoria coloca em evidência que a compreensão e a gerência do sentido são ações coletivas que se dão mediante a participação e a incorporação do contexto. Portanto, ao levantar-se o problema sobre a formação de profissionais, é primordial que possam desenvolver competências que lhes permitam administrar os diversos saberes em respeito às diferenças linguísticas e culturais presentes nos estudantes.

As interações ocorrem de forma constitutiva, mediadas pelo dialogismo. À luz do pensamento bakhtiniano, o “eu” é construído em relação ao “outro”, superando barreiras culturais e linguísticas nas interações, como entre surdos e ouvintes. Essa troca enriquece a identidade de ambas as partes.

Para refletir sobre relação do o “eu” e o “outro” por meio do signo linguístico ideológico, como base do diálogo, Bakhtin (2011 [1919-1974], p. 348) elucida que

Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar etc. Neste diálogo, o homem participa por inteiro e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com

o corpo todo, com suas ações. Ele se entrega completamente à palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal.

Além disso, é importante destacar que essa forma de enunciação que ocorre entre um “eu” e um “outro” é gerada pelas condições reais de interação e ocorre de maneira genuína entre diferentes vozes. Essa interação entre os indivíduos também é promovida pela compreensão mútua por meio da linguagem, abrangendo tanto o português quanto a Libras como interfaces de comunicação. A coexistência de línguas estabelece o diálogo de forma enriquecedora entre um “eu” e um “outro”, dentro de um contexto específico de tempo e espaço.

Tal contexto se torna fundamental para a troca de ideias, experiências e conhecimentos, fortalecendo, ainda mais, a interação entre as partes envolvidas.

Por palavra do outro (enunciado, produção verbal) entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, pronunciada ou escrita em minha língua (minha língua materna), ou em qualquer outra língua, ou não seja: qualquer outra palavra que não seja a minha. Nesse sentido, todas as palavras (enunciados, produções verbais, assim como a literatura), com a exceção de minhas próprias palavras, são palavras do outro. Vivo no universo das palavras do outro. (Bakhtin, 2011 [1919-1974], p. 379).

A partir do que nos foi apresentado na citação acima, definiremos a interação discursiva e exploraremos suas características principais dentro da cultura surda. Analisaremos como essa interação envolve trocas comunicativas significativas efetivadas em um exercício dialógico de compreender e de responder a enunciados em Libras, patrimônio linguístico fundamental à cultura surda.

Nesse sentido, a interação discursiva na cultura surda tem um papel muito relevante na construção do significado, bem como diante da inclusão social e acadêmica e da desconstrução de estereótipos e preconceitos. Portanto, essa prática de interação discursiva reforça a ideia de diversidade linguística e cultural em uma sociedade mais equitativa. Como consequência, isso ocorre a partir da interação com as pessoas surdas e ouvintes sinalizantes, ambos vendo-se como parte integrante e ativa da nova comunidade surda, e as pessoas são encorajadas a se comunicar de maneira justa e respeitosa, tanto social quanto academicamente.

Em suma, afinal, o que é interação discursiva?

A interação discursiva é um fenômeno complexo que abrange mais do que trocas verbais tópicas, envolvendo também elementos sociais, culturais e históricos.

Além disso, a interação não só se legitima pela comunicação direta; ela também considera os contextos ideologicamente organizados que influenciam essas trocas. Por exemplo, em algumas culturas, o contato visual direto significa honestidade, enquanto em outras pode ser visto como desrespeitoso. O uso de gestos também varia significativamente: um polegar para cima pode ser positivo em alguns países, mas ofensivo em outros.

Já que estamos tratando de gestos, topicalizaremos, neste instante, uma discussão teórica sobre a cultura surda.

### **A cultura surda em foco**

Neste tópico, abordaremos sobre cultura surda como uma cultura visual-gestual, baseada em experiências sensoriais e interações visuais, utilizando a Libras. Destacaremos a importância da cultura surda à formação da identidade dos surdos e à construção de conhecimento dos ouvintes sinalizantes.

No que diz respeito à Libras, a entendemos como a principal forma de comunicação da comunidade surda no Brasil. É reconhecida como uma língua do país, mediante a Lei Nº 10.436/2002, em que foi descrita como:

[...] a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (Brasil, 2002).

A Libras, como língua natural das pessoas surdas, destaca-se pela sua importância e papel essencial à cultura surda. Discutiremos as características únicas da Libras como língua, sua gramática, estrutura linguística e o papel crucial que desempenha na construção de conhecimentos, expressão cultural e interação social.

A cultura surda deve ser entendida como uma linguagem visual-gestual, na qual as interações visuais desempenham um papel central na formação de laços sociais e no fortalecimento da identidade coletiva. Nesse contexto, a Libras atua como um veículo essencial para a expressão de ideias, experiências e costumes, além de ser um dispositivo para reforçar identidades individuais e coletivas dentro da comunidade surda.

[...] As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge àquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social (Perlin, 2004, p. 77-78).

Por consequência, a interação discursiva da cultura surda é uma rica tapeçaria gestual, expressões faciais e componentes visuais que vão além da comunicação verbal. Por ser uma língua natural, a Libras não apresenta apenas informações, mas emoções, identidades, culturas e significados: “Jeito surdo de entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais”. (Strobel, 2008, p. 24).

Ao observar as comunidades surdas, é preciso reconhecer a sua língua como meio de comunicação e de interação. Tal língua é formada por sinais, que possuem vários significados. Cada país tem sua própria língua de sinais e sua cultura. No caso do Brasil, admite-se língua de sinais como a Libras e assim como todas as outras é natural, pois possui estrutura gramatical diferente da língua oral.

Segundo Brito (1998, p. 19),

As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito - descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato - enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano.

A Libras desempenha um papel fundamental na inclusão social, educacional e profissional para pessoas surdas. A comunicação por meio de sinais facilita a interação e a compreensão mútua em diversos contextos, possibilita que as pessoas surdas participem plenamente da sociedade.

No entanto, é fundamental considerar, de forma detalhada e profunda, a relação dialógica existente, que constitui o “eu” e o “outro” como sujeitos surdos e/ou sinalizantes. A significativa teoria de Bakhtin e o Círculo aborda a ideologia presente na linguagem, destacando que os signos e as palavras são carregados de conteúdo ideológico no processo de interação entre os sujeitos. Nesse contexto, a interação entre indivíduos conscientes está impregnada de signos, que refletem e se constituem

nas relações estabelecidas. Os signos e ou as palavras utilizados, proferidos e expressos durante a interação carregam, de maneira inegável, um conteúdo ideológico profundo e impactante. Tais manifestações linguísticas, além de estabelecerem uma ponte entre os indivíduos, criam vínculos que refletem as singularidades intrínsecas de cada consciência individual. Essas consciências, por sua vez, estão permeadas por uma multiplicidade de signos, símbolos e significados, enriquecendo e complexificando o processo de comunicação.

Volóchinov (2021 [1929]) enfatiza que os signos, que podem incluir imagens, palavras, gestos de mão (sinais), dentre outros, são constitutivos da consciência individual e se manifestam na lógica da interação dentro um grupo social. Nesse sentido, os signos não só representam objetos e ideias, mas, também, estruturam as relações sociais, carregando um conteúdo ideológico do indivíduo. Logo, os signos são sinais em Libras e como palavras utilizadas na comunicação da vida cotidiana da comunidade surda também se afloram como sinais ideologicamente situados.

Os sinais funcionam como palavras que não só mediam as interações entre surdos e ouvintes sinalizantes, como também expressam e produzem discursos ideológicos. Eles são fundamentais à construção de significados compartilhados e ao desenvolvimento de narrativas que articulam diversos elementos da vida social e cultural.

A palavra participa literalmente de toda interação e de todo contato entre as pessoas: da colaboração no trabalho, da comunicação ideológica, dos contatos eventuais cotidianos, das relações políticas etc. Na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social. É bastante óbvio que a palavra será o indicador mais sensível das mudanças sociais, sendo que isso ocorre lá onde essas mudanças ainda estão se formando, onde elas ainda não se constituíram em sistemas ideológicos organizados. A palavra é o meio em que ocorrem as lentas acumulações quantitativas daquelas mudanças que ainda não tiveram tempo de alcançar uma nova qualidade ideológica nem de gerar uma nova forma ideológica acabada. A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam. (Volóchinov, 2021 [1929], p. 106).

Além disso, a produção discursiva sinalizada é um processo dinâmico no qual os signos refletem a cultura surda e sua identidade. Esses discursos não apenas conectam indivíduos, mas possibilitam a construção de um espaço simbólico-surdo que valoriza a diversidade de perspectivas e experiências dentro desse mundo surdo.

Assim, o olhar da Teoria Dialógica da Linguagem sobre os signos ajuda a compreender a profundidade e a complexidade da Libras, reconhecendo-a como uma prática social e ideológica essencial à interação humana.

Portanto, torna-se indispensável que a educação reconheça e valorize tais especificidades, priorizando práticas pedagógicas que considerem as particularidades culturais e linguísticas do povo surdo. A Libras, ao contrário das línguas orais, é organizada por parâmetros, por elementos que consideram configurações de mãos, locações, movimentações, orientações das palmas da mão e expressões faciais e o próprio espaço como elementos constituintes e inquestionáveis dos seus sinais. Essa construção linguística não apenas determina a comunicação entre os surdos e entre os surdos e os ouvintes, mas também a forma com a qual o conhecimento é produzido e compartilhado.

A educação para surdos e sinalizantes segue os princípios de Skliar (2011) e Lacerda e Lodi (2009). Esta abordagem educacional visa proporcionar aos estudantes surdos e usuários de língua de sinais as condições necessárias para a aprendizagem, por meio da Libras, garantindo condições adequadas de aprendizagem desde o primeiro diálogo através do contato com interlocutores surdos e usuários dessa língua.

Isso garante o direito linguístico da pessoa surda, permitindo acesso ao conhecimento, cultura e interação social usando sua língua de comunicação principal. Além disso, respeita as diferentes condições de aprendizado e bem como aspectos culturais e sociais ligados surdos.

Para que essa cultura possa ser plenamente valorizada, entretanto, é necessário que a educação aconteça de forma bilíngue e busque promover a equidade linguística, garantindo que seus usuários surdos possam ter acesso a ela como primeira língua e ao português como segunda língua, dentre outras especificidades cognitivas e culturais. Ainda, é necessário que a sociedade compreenda que a Libras seja entendida como uma língua legítima e autônoma para a comunidade surda.

As línguas irão, portanto, transitar nas escolas em que houver surdos matriculados, enquanto línguas de instrução (língua usada na interação) e línguas de ensino (língua que faz parte do currículo para ser ensinada). A Libras é reconhecida como primeira língua das pessoas surdas e a língua portuguesa como segunda, na sua modalidade escrita. Os espaços de educação de surdos são diversos: escolas bilíngues, classes bilíngues e escolas inclusivas (também chamadas de escolas comuns). (Quadros, 2019, p. 134).

O ensino superior, especificamente no Curso de Letras Libras de uma universidade pública federal, local em que estamos desenvolvendo pesquisa de Mestrado Acadêmico em Linguagem e Ensino, desempenha um papel essencial na formação de professores de Letras Libras. A interação em ambientes de ensino-aprendizagem é um fator fundamental para construir os processos acadêmicos e pedagógicos, dentro da sala de aula, especialmente na utilização da Libras como principal meio de comunicação.

Isso não apenas promove uma interação mais efetiva entre professores e estudantes surdos e sinalizantes, mas também enriquece as práticas pedagógicas. Nesse contexto, a interação entre professores e estudantes surdos e ouvintes ocorre predominantemente realizados apenas por meio da sinalização, sendo desenvolvida em avaliações, seminários, atividades práticas, trabalho em equipe e até mesmo apresentações científicas, no esforço mútuo para que todos os estudantes possam participar.

Todavia, o material didático ainda é produzido majoritariamente em português, refletindo uma situação na qual essa é a língua padrão usada em ambientes acadêmicos. Sendo assim, é crucial para o desenvolvimento de projetos que incentivam e promovam a produção de materiais em Libras, adaptados aos gêneros acadêmicos, criados imediatamente às demandas específicas para atender a comunidade surda acadêmica. Adaptação e criação de tais materiais exigem a colaboração de professores, intérpretes e outros membros da equipe especializada, o que tornaria a acessibilidade mais eficaz e igualitária e atender às necessidades dos estudantes para que eles possam compreendê-lo melhor.

Essa particularidade pode ser entendida como o uso da Libras no processo de ensino e aprendizagem, uma especificidade que representa um desafio para os docentes ao organizarem e prepararem suas aulas em turmas mistas, compostas por estudantes surdos e ouvintes sinalizantes. Observa-se que, muitas vezes, os surdos apresentam lacunas no conhecimento sobre o mundo como da escolarização básica e no domínio do gênero acadêmico como língua portuguesa, enquanto os ouvintes desejam aprender Libras, mas possuem expectativas equivocadas sobre o curso de Letras Libras. Alguns acreditam que o curso proporcionará fluência imediata, enquanto outros se frustram por não obterem informações mais aprofundadas esse

curso. Essas diferenças tornam a interação entre os grupos mais desafiadora devido às suas particularidades.

Essa situação exige o desenvolvimento de estratégias que atendam às diferentes necessidades culturais e linguísticas para promover a interação entre essas turmas, destacando a urgência de discutir esse tema no contexto acadêmico. Conforme apontam Lacerda e Lodi (2009, p. 14):

[...] a maior parte dos surdos no Brasil não tem podido ter acesso a uma escolarização que atente as suas necessidades linguísticas, curriculares, sociais e culturais. Parte dos surdos encontra-se em classes/escolas especiais que atuam na perspectiva oralista e/ou bimodal, as quais pretende que o aluno surdo se comporte como um ouvinte, lendo lábios aquilo que não pode escutar, falando e lendo e escrevendo em língua portuguesa.

No próximo tópico, abordaremos sobre a formação de professores de Libras na perspectiva de interações discursivas.

### **A formação de professores de Libras na perspectiva de interações discursivas**

Como a Lei de Libras (Lei Nº 10.436/2002) e o Decreto Nº 5.626/2005 impactam diretamente a estrutura curricular dos cursos de formação de professores? Pergunta cara para nosso estudo.

Defendemos a postura de que a formação de professores de Libras deve basear-se na compreensão da interação discursiva, que abrange não apenas uso de Libras, mas também os aspectos culturais e sociais da comunidade surda. Este enfoque permite que futuros professores estejam aptos a criarem um ambiente de aprendizado, de desenvolvimento humano, levando em consideração as particularidades linguísticas/discursivas e comportamentais dos estudantes surdos e ouvintes sinalizantes.

No âmbito do contexto acadêmico, destaca-se a importância da formação de professores de Libras. A atuação desses profissionais, sob uma perspectiva de interações discursivas, está voltada para o ensino de qualidade para estudantes. Tal formação deve contemplar, além da língua, questões culturais e sociais, oferecendo uma visão abrangente aos estudantes. Há uma conexão indispensável entre a interação discursiva e a formação de professores, dado que a compreensão das dinâmicas comunicativas é crucial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas.

Essas instâncias acadêmicas trabalham principalmente com a formação inicial, refletem sobre a organização do currículo e do saber docente, buscando como eixo a vinculação da teoria e da prática. Pesquisas no campo da Educação, em linhas que estudam mais precisamente a formação de professores, têm buscado interpretar indicadores dos processos de apropriação e de elaboração dos conhecimentos científicos profissionais por estudantes interessados em formarem-se professores. (Albres, 2014, p. 29).

A formação de professores de Libras deve se centrar no eixo da interação discursiva. Dessa forma, os educadores devem não somente ensinar a língua, mas também estar atentos à cultura surda e outros elementos para construir um ambiente favorável a negociação de sentidos em espaço de sala de aula e fora dela. Em particular, os estudantes surdos e os ouvintes devem ser provocados à interação social, observando as estratégias didáticas dos professores, seus modos de abordagem, as relações humanas estabelecidas entre professores e estudantes e estudantes e estudantes, enfim, possibilidades de marcar o efeito da interação discursiva oportunizando processos de formação de professores de Libras, de sua identidade docente de um modo geral.

A interação entre professores e estudantes impacta diretamente a qualidade do ensino-aprendizagem oferecido, sendo essencial para promover melhor educação do curso, e não só responsabilidade do professor e sim do estudante. Professor como ponte e estudante buscando desenvolvimento de conhecimento, buscando caminho para se construir professor, com engajamento, desempenho colaborativo, competência e habilidade.

Conforme esclarece Volóchinov (2021 [1929], p. 205), “A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. A palavra é o território comum entre o locutor e o interlocutor”. Na sala de aula, a interação entre conhecimento, professor e estudante forma um pilar fundamental para o desenvolvimento da prática docente; e discente e esse processo contribui para a melhoria da qualidade do ensino.

Os desafios na formação de professores de Libras em perspectiva de interações discursivas incluem a superação de estigmas e preconceitos, além da adaptação às variadas realidades dos estudantes surdos e ouvintes em sala de aula. Estratégias eficazes envolvem o incentivo à imersão na cultura surda, a promoção de práticas reflexivas e a utilização de recursos apropriados, visando a construção de um ambiente acadêmico adaptado às necessidades dos estudantes.

A formação de professores de Libras deve incorporar ao espaço educacional os valores, aspectos culturais, emoções e percepções sob a ótica da cultura surda. Além disso, o professor de Libras atua como representante da língua, da cultura e da identidade surda no ambiente da sala de aula, conforme apontado em estudos que destacam sua atuação, como os de Albres (2014), Skliar (2011) e Lacerda e Lodi (2009).

A questão da língua de sinais, portanto, está intimamente relacionada à cultura surda. Esta, por sua vez, remete à identidade do sujeito que (con)vive, quase sempre, com as duas comunidades (surda e ouvinte). Neste contexto, importa analisar o modo que os sujeitos inseridos em escolas bilíngues se narram como sujeitos da comunidade surda. Assim, o papel do professor surdo e da língua de sinais no ambiente escolar é essencial para que haja construção da identidade surda e, conseqüentemente, para chegarmos a uma educação eficiente. (Gesueli, 2006, p. 280).

Nesse esteio, é importante o diálogo reflexivo entre o professor e os estudantes, permitindo a construção conjunta do conhecimento, indo além de conteúdos programáticos, promovendo a troca de ideias. O papel do professor como mediador atinge destaque fenomenal nessa conjuntura de ensino-aprendizagem.

Em se tratando especificamente de aprendizagem, vemos muitos estudantes surdos enfrentando dificuldades em leitura, escrita e compreensão, enquanto muitos ouvintes podem ter dificuldades em compreender a fluência na sinalização e visual. Essa falta de letramento acadêmico é um desafio tanto para professores quanto para estudantes, independentemente de sua surdez.

Levando em conta os processos de interação nesse contexto, é crucial investigar como a interação pode contribuir para a formação docente e para o aprimoramento das práticas acadêmicas dos estudantes. Um ensino superior inclusivo deve contemplar não apenas a sinalização, mas também estratégias que promovam o desenvolvimento de competências multiculturais. Portanto, pela interação discursiva, é possível construir um ambiente acadêmico mais colaborativo, acessível e responsivo às necessidades de surdos e ouvintes, impactando professores e estudantes.

O reconhecimento do olhar situado para a interação discursiva em contexto de formação de professores de Libras pode permitir a compreensão de estratégias pedagógicas que valorizem o humano, promovendo um espaço de construção de

conhecimento propício à aprendizagem. No ensino, especificamente, essas relações dialógicas se tornam ainda mais evidentes, pois o sucesso do processo depende diretamente da construção de vínculos de contato mútuo entre professores e estudantes, independentemente de serem surdos ou ouvintes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou refletir sobre a relevância da interação discursiva no fortalecimento da formação de professores de Libras, considerando as especificidades culturais e linguísticas da comunidade surda. A partir da perspectiva teórica proposta por Bakhtin e o Círculo, compreendemos a linguagem como um fenômeno dialógico, essencial para a construção de significados e identidades culturais, enfatizando que a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação, mas um espaço de construção e troca de significados, essencial à formação de identidades culturais.

No decorrer do texto, foram citados os desafios e potencialidades que permeiam a formação de professores de Libras. A linha destacada foi a das práticas pedagógicas que precisam ser adotadas na perspectiva de uma educação inclusiva de qualidade, tendo a Libras como elemento nuclear no processo de construção do conhecimento e promoção da equidade do ensino superior. A relação entre culturas, surda e ouvinte, foi compreendida a partir de um processo dialógico constante, em que cada uma delas se completa, gerando espaços de convivência e compreensão cada vez maiores.

Portanto, é crucial à pesquisa o entendimento de que a interação discursiva pode ser um caminho para se observar como se efetiva o processo de formação de professores de Libras. Teoricamente falando, investimos em uma discussão que situou os postulados de Bakhtin e o Círculo como horizonte propício a se reconhecer a Libras como uma prática social de interações humanas, culturalmente estabelecida e povoada por criações ideológicas.

Pensar a formação de professores de Libras sob este escopo é o que nos move a continuar investigando como se dá tal formação, sobretudo, a partir das vozes de professores e estudantes (ativos e egressos) do Curso de Letras Libras uma universidade pública federal. O caminho é longo e desafiador. Aqui, encontram-se registradas as primeiras escritas sobre esta trajetória em franco estado de andamento.

Como encaminhamento, do ponto de vista dos resultados, o artigo eleva à Teoria Dialógica da Linguagem a possibilidade teórico-metodológica de promover uma formação de professores de Libras atravessada pela perspectiva da interação discursiva: uma interação que ideologicamente favorece a socialização de saberes e a valorização dos papéis de cada sujeito envolvido nas práticas sociais de linguagem.

Em suma, ressaltar a importância bibliográfica deste artigo reafirma que é essencial construir um ambiente acadêmico que reconheça a cultura surda, promovendo a valorização da Libras. Ao compreender que a formação docente deve ser mediada pelo diálogo entre estudantes surdos e ouvintes, reconhece-se, também, que é por meio das interações discursivas que se constrói uma educação mais equitativa, com um processo de ensino-aprendizagem de qualidade e responsivo às demandas de uma sociedade plural.

## REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. **Relações dialógicas entre professores surdos sobre o ensino de Libras**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2014. Disponível em:

<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2924/5702.pdf>

Acesso em: 12/03/2024.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011 [1919-1974].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Os gêneros do discurso**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016 [1952-1953].

Brasil. **Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec5626.pdf> Acesso em: 18/11/2024.

Brasil. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm) Acesso em: 18/11/2024.

BRITO, Lucinda Ferreira de. (*et al.*). **Língua Brasileira de Sinais-Libras**. BRASIL, Secretaria de Educação Especial. Brasília: SEESP, 1998.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

GESUELI, Zilda Maria. **Lingua(gem) e identidade: a surdez em questão**. In.: Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 94, p. 277-292, jan./abr. 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/3XVGL5KrfKmDVvvnRh5MXwL/?format=pdf&lang=pt>

Acesso em: 23/05/2024.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; LODI, Ana Claudia Balieiro. **A inclusão escolar bilíngue de alunos surdos: princípios, breve histórico e perspectivas.** In.: LODI, Ana Claudia Balieiro; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. (Orgs.). **Uma escola duas línguas:** letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2009.

PERLIN, Gládis. O lugar da cultura surda. In.: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Orgs.). **A invenção da surdez:** cultura, alteridade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 77-82.

QUADROS, Ronice Muller de. **Libras.** São Paulo: Parábola, 2019.

SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In.: SKLIAR, Carlos (Org.). **Surdez:** um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2011.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

VOLÓCHINOV, V. Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3. ed. São Paulo: 34, 2021 [1929].

Recebido em: 10.09.2024

Aprovado em: 10.12.2024